

APRESENTAÇÃO

A questão da autoridade é fundamental para se pensar a constituição de dinâmicas tanto intrapsíquicas quanto intersubjetivas. A forma como esse fator crucial ao poder se estrutura na ação política é determinante da qualidade das relações em toda cultura. Diríamos que vivemos uma “crise da autoridade” sem precedentes. No entanto, não se trata de uma “crise” mas de uma impossibilidade permanente, um princípio pelo qual se cria o laço social e, ao mesmo tempo, se pode vir a impedir a liberdade de criação do novo caso a autoridade se concentre e enrijeça demasiadamente, seja em um grupo ou em uma só pessoa, tendendo à configuração do sintoma autoritário. Qualquer sujeito que porte a autoridade pode vir a sucumbir ao autoritarismo. Eis aí a dimensão clínica a ser elaborada em relação aos afetos – sobretudo narcísicos – que implicam no exercício de toda e qualquer forma de autoridade. A relação, supostamente intrínseca, entre a autoridade e uma certa verticalidade na relação com o outro, que “sabe” ou “pode” mais, tende a induzir a um certo gozo pela superioridade do poder. Nesse sentido, vivemos numa estrutura social autoritária, altamente desigual, posto que a autoridade é escalonada numa hierarquia elitizada em que a figura de “Um” representando a “Todos” acaba sendo uma ideologia fadada ao fracasso, pois desresponsabiliza a ação subjetiva no plano societal.

Os referentes gregos e romanos à constituição da tríade autoridade, tradição e religião, que supõe a democracia, conforme texto incontornável de Hannah Arendt sobre o tema, já não se apresentam como instituições fortes o suficiente para manter a coesão social conforme o ideal da *polis* grega. O âmbito “comum” do poder como algo que se transforma permanentemente e circula *parmi tout et chacun* é invalidado quando se atribui prioridade figuras exclusivas que vem a exercer o poder em nome de todos. Por outro lado, numa cultura neoliberal híper moderna tampouco se garante que a população permaneça aderida a um mestre, sempre em vias de ser destituído. Assim, estamos submetidos a obedecer a autoridades que não reconhecemos ou que não nos representam efetivamente. Ora, como bem demonstra Hannah Arendt em seu livro “Crises da República” a democracia representativa se constitui numa farsa publicitária induzindo consumo e votos de acordo com os interesses de uma pequena elite financeira.

Alexander Kojève nos mostra que, se a era das revoluções modernas foi capaz de produzir a revolta insurgente contra uma autoridade despótica, do soberano atrelado à divindade, redesenhando as estruturas de poder, na contemporaneidade por sua vez há muita dificuldade em distribuir e equilibrar a estrutura tripartite do Estado. A estrutura democrática, tendo suprimido em boa parte do ocidente a antiga autoridade soberana, fundada no pai e no seu transcendente divino, sofre com o desejo de retorno

nostálgico dessa forma de poder, outrora absoluta, baseada numa paternidade transcendente e autoritária, porém agora diminuída e recalçada. Vemos diariamente uma série de revoltas em torno do globo, questionando as autoridades, de modo que a democracia em si, por ser fundada numa hierarquia autoritária cuja hipocrisia é patente, não funciona, portanto, está em xeque.

Mas, se no plano político a autoridade hierárquica deve ser questionada, no plano pré-político, é necessário reestabelecê-la. A presença de uma ou mais figuras de autoridade na esfera pré-política é essencial tanto à constituição subjetiva quanto à primeira socialização das crianças no âmbito educacional. Em termos psicanalíticos, não existe formação do sujeito sem a internalização de uma autoridade suficientemente admirável, mas também minimamente castradora, ao ponto de adequar o gozo subjetivo à ética coletiva: função das instâncias ideais (Ideal do eu e Supereu). Na concepção freudiana, as crianças com sua inconsciente *perversão polimorfa* necessitam de limites que venham a ser não impostos pelo outro, mas imitados e identificados ao outro. Porém, se o Outro no âmbito simbólico é estruturado de forma desigual, autoritária, extremamente hierarquizada e injusta na esfera política, como seria possível sustentar o trabalho psíquico de adequação do sujeito a um *socius* percebido consciente ou inconscientemente como injusto? Nesse contexto, pais e professores sofrem para serem reconhecidos: seu poder castrador é demasiadamente desvalorizado perante as ofertas de prazer imediato e perante a destituição de seu poder pela autoridade midiática e cibernética. Crianças e jovens parecem estar à deriva do desejo de seus pais e mestres.

A fórmula arendtiana para se pensar uma autoridade pura – a autoridade difere do uso da força e da persuasão, o sujeito escolhe livremente a autoridade a quem pretende obedecer - se choca com a prática incarnada e inconsciente desse papel. Pais e mestres reproduzem os conflitos culturais em que se passa do autoritarismo direto à indiferença, impedindo a instauração da obediência livremente consentida diante de uma autoridade que se coloca como autor/a legítimo/a de um mundo mais igualitário. A ausência de valores comuns, coletivos, não individualistas compete para esse estado de coisas. Contudo, a qualidade de “autor”, de quem porta legitimamente a autoridade, pode permitir a criação do novo e a adesão a ideais coerentes e inclusivos. Nada disso é simples, dadas as imbricações entre inúmeras esferas em que o poder se apresenta e as contradições a que o exercício da autoridade nos submete.

Nosso interesse pelo tema surgiu da dúvida inicial sobre se a “passagem ao ato” violento e os sintomas de crianças e jovens estariam ligados às falhas na hierarquia pré-política, logo educativa. Os impasses no exercício educativo levaram a um estudo de pós-doutoramento na *Université Paris 8* realizado com bolsa da CAPES por dezessete meses, que recaiu no tema da autoridade. Essa pesquisa durou mais de dois anos e acabou gerando um seminário na *École Doctorale de Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie* na *Université Paris Diderot* que aglutinou diversos pesquisadores franceses e brasileiros em torno desse problema tão atual e pungente.

Isso gerou ideia de publicar um número especial a partir de algumas das palestras apresentadas

no Colóquio Autoridade: dimensões clínicas, políticas e educacionais, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense no final de abril de 2019. Trata-se de um capítulo importante e de um desafio de promover, a partir desse encontro franco-brasileiro em torno de pesquisas e estudos sobre o problema da autoridade, uma análise transversal, contando com campos teóricos distintos. Tal proposição ganha relevância considerando o quadro geopolítico atual no mundo e o contexto educacional no Brasil e na França. Contornando olhares e abordagens a partir da psicanálise e da filosofia, os artigos que compõem esse Dossiê integram estudos de professores e pesquisadores que, dentro de suas experiências e perspectivas acadêmicas, visam dar sua contribuição ao tema tendo como interesse comum a discussão da Autoridade em seus enlaces com poder, sedução, tirania, autoritarismo, obediência, força, ordem e revolta produzindo sintomas subjetivos e sociais que fundam nossa cultura. Como pensar a autoridade educativa hoje? Por que teríamos um apelo atual tão pregnante pelo retorno de uma autoridade “forte” para sempre perdida? Em que medida a autoridade enquanto fato determinado pelo inconsciente arcaico seria geradora de sintomas? Até que ponto a implementação de uma cultura baseada na autoridade seria algo desejável, mesmo incontornável? Os artigos desse dossiê giram em torno dessas problemáticas.

Iniciamos os trabalhos desse Dossiê com o artigo *Entre l'échec et l'excès d'une autorité sans repères*, de *Marília Etienne Arreguy* que dá continuidade a uma análise filosófica e psicanalítica do conceito de autoridade como um indicador para se pensar os excessos e fracassos da cultura atual e da prática docente. A autoridade, quando posta em prática, representa um fator originalmente contaminado, considerando que ela carrega na repetição seu caráter narcísico e quiçá tirânico.

No artigo *A autoridade, o laço grupal e a construção de caminhos possíveis* *Fernanda Ferreira Montes* parte da psicanálise e da psicossociologia francesa para discutir a relação entre o laço social, a autoridade na modernidade e o poder. A autora produz uma reflexão sobre as vias e possibilidades de construção de uma vida social pacífica.

Em *Hannah Arendt, a psicanálise e a autoridade*, o autor *Pedro Cattapan*, revisita o ensaio da filósofa Hannah Arendt «O que é autoridade» lembrando seu empenho em pensar o problema da autoridade na modernidade, fundamentalmente ancorada no cânone do Esclarecimento. Em seguida, retoma as análises freudianas acerca da relação entre autoridade e educação, visando elucidar os pontos de convergência e divergência entre os pensadores. O autor toma como mote o totalitarismo que ressurgiu na contemporaneidade.

No artigo *Desejo e autoridade em Deleuze e Guattari* *Zamara Araujo* analisa as noções de desejo e autoridade a partir da filosofia de Deleuze e Guattari, demarcando um campo de rupturas, produção e investimentos inerente ao capitalismo, cujos desdobramentos contornam o conceito de desejo bem como as noções de autoridade e Lei.

No artigo *Élaborer une posture professionnelle singulière pour « avoir » de l'autorité, à travers le cas de Sébastien. Une approche clinique de l'autorité enseignante*, o educador *Bruno Robbes* parte da

pergunta acerca da autoridade que nos é atribuída e que nos possibilita « ter » uma autoridade, como condição privilegiada que reverbera no campo da subjetividade e legitima a autoridade educativa.

No texto *Autorité, pouvoir et obéissances dans un foyer pour adolescents* Sophie Darne avalia a relação entre autoridade, poder e obediência na educação de adolescentes numa instituição de acolhimento para jovens em conflito com a família, a escola e a Lei, de onde se pode constatar um contexto de subjugação e dominação que a leva a indagar sobre a internalização desse processo pelo educador e o que isso pode testemunhar.

No artigo *Controle e disseminação : Auctoritas e faits divers* no início da imprensa Rafael Viegas demonstra de que forma o estudos dos *faits divers* no final do Renascimento contribuíram para a compreensão da *auctoritas* pré-moderna, causando um confronto entre as epistemes populares e a hierarquização medieval dos saberes. Seu ensaio nos mostra que a autoridade comunicacional, cuja imprensa é soberana, desde os primórdios, já pode ser atrelada à falácia da verdade e, portanto, ao recrudescimento do estado de “pós-verdade” que vivemos.

E, concluindo o presente Dossiê, apresentamos uma resenha de *Leonardo Maia* da obra inédita em português - *La notion de l'autorité* - de autoria de Alexandre Kojève, escrita em 1942, mas publicada apenas em 2004 na França pela Editora Gallimard, para a qual vislumbramos uma futura publicação em português. Que esses textos possam lançar luz sobre novas pesquisas e práticas, cuja autoridade se funde numa autoria legítima, cada vez mais horizontalizada e diretamente democrática.

Agradecemos a todos que participaram de nosso *Séminaire de Psychanalyse et Éducation - La notion d'autorité et ses limites*, ocorrido na École Doctorale de Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie - Université Paris Diderot / 2017-2018: em especial aos professores- pesquisadores: Lysia Edelstein, Cristina Cernat, José Sérgio Fonseca de Carvalho, Leandro de Lajonquière, Robert Levy, Bruno Robbes, Christian Hoffmann, Gérard Pommier, Olivier Douville, Danielle Milhaud-Cappe. Agradecemos imensamente também a todos que participaram de nosso Colóquio Internacional: *Autoridade - dimensões clínicas, políticas e educacionais*, ocorrido na Universidade Federal Fluminense, em abril de 2019, sobretudo aos palestrantes: Joel Birman, Sandra Cabral, Valdelúcia Alves, Maria de Fátima Costa de Paula, Marcelo Báfica Coelho, José Antônio Sepúlveda, Richard Fonseca, Rafael Viegas, Carla Penna, Luís Adriano Salles, Pedro Cattapan, Fernanda Montes e Jô Gondar. Por fim, não poderíamos deixar de agradecer a todos pesquisadores, profissionais e bolsistas ligados ao Grupo Alteridade Psicanálise e Educação - CNPq/UFF.

Marília Etienne Arreguy

Zamara Araujo